



UNIFORnotícias

Jornal da Universidade de Fortaleza • Fundação Edson Queiroz
Número 255 – Novembro de 2015 • www.unifor.br



O UNIVERSO CABE NESTE MUNDO

O Mundo Unifor chegou em sua sétima edição reunindo milhares de pessoas em uma semana inteira dedicada a atividades de ciência, cultura e tecnologia. Nesta edição do Unifor Notícias você confere entrevistas exclusivas realizadas com os profissionais que transmitiram seus conhecimentos através das palestras magnas, destaques do evento. Confira!

editorial

Um universo de saberes

Neste mês, o Unifor Notícias destaca os grandes nomes que abrilhantaram uma semana única e especial para nós, que fazemos a Unifor. Durante o Mundo Unifor, a Universidade abre suas portas para uma semana intensa de troca de conhecimentos. Atividades que congregam toda a comunidade acadêmica e o público externo. Encontros Científicos, Unifor Plástica, oficinas, vivências acadêmicas marcaram a edição. Destaque para as palestras magnas, realizadas este ano pelo médico psiquiatra e escritor best-seller, Augusto Cury; pelo cientista, ativista ambiental e também autor de best-sellers, Fritjof Capra; pelo professor Ricardo Triska; e pelo também professor e procurador, José Luis Bolzan. Cada um deles representou uma área do conhecimento, abrilhantando ainda mais nosso evento. O Unifor Notícias realizou entrevistas exclusivas com cada um dos palestrantes, que falaram sobre suas vidas, projetos e visões de mundo.

O Unifor Notícias traz ainda uma matéria sobre os 10 anos da TV Unifor, que é referência entre as televisões universitárias brasileiras. A TV engloba trabalhos acadêmicos produzidos por alunos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Audiovisual e Novas Mídias. Também destaco a matéria sobre o curso de Farmácia, mais um curso de excelência da nossa Universidade que obteve nota máxima na avaliação do Guia do Estudante.

O jornal termina falando sobre o Projeto Educativo, diferencial nas exposições realizadas no Espaço Cultural Airton Queiroz. O projeto é pensado de maneira a envolver os espectadores nas obras dos artistas, seus processos de criação, na contextualização dentro da história da arte, na contemporaneidade e no espaço em que se inserem. A exposição Unifor Plástica permanece em cartaz até o dia 20 de dezembro. Venha conferir!

Uma boa leitura e até a próxima edição!

Natasha Brand
Editora

expediente

Chanceler: **Airton Queiroz**
Reitora: **Fátima Veras**
Vice-Reitor de Ensino de Graduação: **Henrique Sá**
Vice-Reitora de Pós-Graduação: **Lilia Sales**
Vice-Reitor de Extensão: **Randal Pompeu**
Vice-Reitor de Administração: **José Maria Gondim**

Jornal da Universidade de Fortaleza, da Fundação Edson Queiroz
Edição: **Natasha Brand (CE01691JP)**
Textos: **Natasha Brand, Paula Acácio e Virna Macedo**
Estagiários: **Andreza Reis, Gustavo Nery e Maria Navarro**
Diagramação: **Renato Radeke**
Revisão: **Diego Moreno**
Fotos: **Ares Soares**
Contato: Diretoria de Comunicação e Marketing da Unifor
Prédio da Reitoria – Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz – Fortaleza-CE
(85) 3477 3377 – imprensa@unifor.br – www.unifor.br/unifornoticias

sumário

CAMPUS & COMUNIDADE

5 Curso de Farmácia

Conheça um pouco mais sobre o curso de Farmácia, que obteve nota máxima na avaliação do Guia do Estudante. Além de destacar-se por sua estrutura física e corpo docente qualificado, o curso proporciona aos seus alunos diversas possibilidades de atuação no mercado de trabalho.

7 TV Unifor

Destaque entre as televisões universitárias brasileiras, a TV Unifor celebra 10 anos de existência, englobando trabalhos acadêmicos produzidos por alunos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Audiovisual e Novas Mídias.

9 Mundo Unifor

A Universidade de Fortaleza, mais uma vez, abriu suas portas para outra edição do já tradicional Mundo Unifor. Nesta edição você confere entrevistas exclusivas com Augusto Cury, Fritjof Capra, Ricardo Triska e José Luis Bolzan, que proferiram as palestras magnas desta edição do evento.

CULTURA & ARTE

19 Unifor Plástica

A XVIII Unifor Plástica permanece em cartaz no Espaço Cultural Airton Queiroz até o dia 20 de dezembro. Durante a exposição, os visitantes têm a oportunidade de conhecer melhor as obras através do Projeto Educativo. O objetivo é envolver os espectadores permitindo que cada um tenha sua própria experiência com relação às obras.



#update

#Concurso1

O I NATITEK - Concurso de Desenvolvimento de Software Universidade-Empresa, promovido pela Unifor em parceria com a empresa Softtek, premiou cinco alunos do CCT pelo desenvolvimento de softwares de gerenciamento de candidatos e vagas para oportunidade de emprego e estágio. Em 1º lugar ficaram os alunos Thiago Oliveira Magalhães e Paulo Roberto Pereira; já o 2º lugar foi para Anderson Graciano Sousa, José Clailton Menezes e Jorge Lucas Dias Pontes.

Os participantes puderam utilizar tecnologias para desenvolvimento Web e Mobile, bem como tiveram à disposição um consultor técnico, além de laboratórios, equipamentos e softwares cedidos pelo Núcleo de Aplicação em Tecnologia da Informação da Unifor (NATI). Além do prêmio em dinheiro, os alunos contemplados também terão à disposição, caso desejem, vagas de estágio na empresa. Parabéns aos agraciados!

#Concurso2

A Universidade de Fortaleza é destaque, mais uma vez, na qualificação de seus estudantes. Doze alunos de diferentes áreas de graduação foram selecionados para 4º Desafio Renault Experience, que este ano tem como tema “A Educação para a Segurança no Trânsito”. O Desafio visa estimular estudantes das melhores universidades do país a contribuírem com ideias criativas e inovadoras, em projetos focados na indústria automobilística. A Comissão Julgadora da Renault selecionará os três primeiros lugares, que serão divulgados no dia 28 de novembro. Quer saber mais? Acesse www.desafiorenavaultexperience.com.br

#InglêsnaUnifor

Você sabia que a Unifor é um dos locais de aplicação do Toefl (Test of English as a Foreign Language) em Fortaleza? O exame tem por objetivo avaliar o potencial individual de falar e entender a língua inglesa em nível acadêmico, sendo o principal teste de proficiência exigido pelas universidades e instituições americanas, também usado em processos de seleção para bolsas de estudo, estágios e empregos. O exame possui validade internacional e recebe inscrições pelo site www.ets.org/toefl. A Unifor já possui provas agendadas até julho de 2016.

Unifor é destaque nos Jogos Universitários Brasileiros

Os atletas da Universidade competiram nas modalidades de vôlei, basquete, futsal e handebol. Os próximos desafios são os Jogos Universitários Cearenses que acontecem este mês.

As equipes de voleibol, basquetebol, futsal e handebol da Universidade de Fortaleza participaram da 63ª edição dos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), que aconteceram dos dias 14 a 25 de outubro na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais.

O basquete masculino conquistou o título de vice-campeão brasileiro da segunda divisão, derrotando a União Pioneira da Integração Social de Brasília (UPIS - DF), com pontuação de 4 a 2. “Foi uma disputa acirrada, mas excelente. Para o próximo JUBs, vamos trabalhar bastante para elevar cada vez mais o nome da Universidade em competições desta natureza”, salientou o técnico Oswaldo Venerando, conhecido como “Campainha”.

Por sua vez, o time de basquete feminino classificou-se como campeão nacional da segunda divisão vencendo o Centro de Ensino Unificado de Brasília (UniCEUB) com um placar de 45 a 29. “Já havíamos jogado contra elas e tínhamos uma defesa montada em nossa cabeça. Estava certo o que tínhamos que fazer”, ressaltou Ivana Silva, maior pontuadora da partida, acerca da estratégia de jogo usada pela seleção da Unifor.

Na segunda e decisiva fase do torneio,

o vôlei feminino conquistou o 3º lugar da primeira divisão, enquanto o masculino obteve o 8º. Já nas primeiras divisões de futsal a equipe masculina deteve o 6º lugar, enquanto a feminina ocupou o 5º. Por fim, o handebol masculino ficou em 4º lugar da terceira divisão.

Segundo Campainha, os resultados dos JUBs 2015 foram expressivos, pois reiteraram o papel de compromisso da instituição com seus atletas e dirigentes. “A Unifor oportuniza o desenvolvimento tanto para os técnicos quanto para os atletas, por isso tem todo o merecimento”, finalizou.

Este mês, as seleções participam dos Jogos Universitários Cearenses (JUCs), seletiva que classifica a universidade que representará o Estado na Liga Nordeste em 2016.

Saiba Mais – Sobre o JUBs

A competição tem como finalidade aumentar a participação em atividades esportivas em todas as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas do território nacional e promover a ampla mobilização da juventude universitária brasileira em torno do esporte.





BIKEFIX

Implementada em conjunto com os bicicletários, outra estrutura bastante funcional é o Bikefix. Localizada, por enquanto, somente no ponto de acesso da Washington Soares, próxima ao bloco C, ela é definida como um “kit de reparos” para os ciclistas, disponibilizando as ferramentas necessárias por meio de um cabo. O serviço, devido à sua funcionalidade, tem mostrado-se útil, o que indica uma expansão futura junto aos novos estacionamentos de bicicleta.

Unifor instala novos bicicletários

Atitude pretende estimular o uso de transportes alternativos por parte de alunos e funcionários.

Em medida que favorece a mobilidade urbana e o meio ambiente, a Universidade de Fortaleza instalou, a cargo da Divisão de Planejamento e Espaço Físico, três estações de bicicletários nas áreas de acesso ao campus – atitude que, além de alunos, favorece também professores e outros funcionários. O projeto incentiva, em meio à valorização de movimentos de sustentabilidade, o uso de transporte alternativo.

Os estacionamentos para bicicletas estão disponíveis na entrada principal pela Avenida Washington Soares, nos acessos aos blocos A, B, D e E pela via Valmir Pontes e em frente ao antigo Centro de Convenções do Ceará. Cada estrutura possui seis paraciclos, sendo possível a alocação de até 12 bicicletas em cada ponto.

De acordo com os usuários do serviço, essa decisão da Universidade não é apenas interessante, como excelente. Para o professor de fotografia Wilton Martins, por exemplo, a implementação dos novos bicicletários é uma opção atraente em meio aos problemas de deslocamento urbano recorrentes nas grandes metrópoles. “Essas ações incentivam e permitem que as pessoas tenham interesse em vir

de bicicleta, que é um meio rápido, principalmente em determinados horários. Já cronometrei o tempo que eu vim de carro e comparei com o que eu vim de bicicleta e percebi que era muito mais rápido. A minha opção hoje de vir de bicicleta se dá por conta disso, além de ser um exercício físico”, declarou Martins, que estaciona seu veículo na entrada próxima ao Centro de Convenções antigo. O professor ainda sugere que, no futuro, outras estações sejam implementadas no interior do campus, para facilitar o transporte interno.

O pedido do professor não está tão longe de acontecer. Jivago Donizetti, desenhista e projetista da Divisão, alegou que, com a implementação dos bicicletários nas áreas de maior demanda, o passo seguinte é instalar em mais sete extremidades do espaço universitário. “Foi pensado em um modo alternativo de se chegar à Universidade, para que houvesse a diminuição de carros no espaço, um problema que tínhamos que resolver. No intuito de fornecer esse serviço e, conseqüentemente, gerar uma demanda maior, foram colocados esses três pontos específicos. Agora o projeto será ampliado

e pretendemos seguir o número inicial de cerca de dez pontos nas áreas de acesso”, explicou Donizetti, que executou o trabalho em parceria com o arquiteto Rui Raposo.

Outra funcionária que faz uso do estacionamento de bicicletas é Camila Pinheiro, que atua como analista de Marketing e designer gráfico da Universidade e que desde 2011 vem para o trabalho pedalando. “Com os bicicletários novos, a Universidade passa a considerar a bicicleta como um modal relevante para se chegar. A estrutura é a ideal para parar a bicicleta, pois você consegue prender o quadro e a roda ao mesmo tempo sem nenhum mistério. Está aprovado”, declarou, destacando a adequação e a segurança do serviço. No cotidiano, Camila utiliza o ponto próximo à entrada principal.

Curso de Farmácia alcança excelência

Com nota máxima em avaliação do Guia do Estudante, curso de Farmácia da Unifor destaca-se por sua estrutura e possibilidades ofertadas aos alunos.

Destaque entre os cursos do Centro de Ciências da Saúde (CCS), o curso de Farmácia proporciona aos seus alunos diversas possibilidades de atuação no mercado de trabalho. O profissional farmacêutico está presente na produção de cosméticos, medicamentos, alimentos industriais e em outras áreas, podendo atuar também com a medicina do trabalho e até mesmo envolver-se no campo de análises alheias à criminologia, como vemos em seriados de televisão.

A graduação na área encontra caminho para diferentes posições no mercado de trabalho, como nas áreas de assistência farmacêutica e de atuação hospitalar e industrial, que atualmente encontram-se em ascensão. O desempenho profissional não se restringe ao desenvolvimento de novos fármacos e formulações em indústrias farmacêuticas, estendendo-se à posição de gerente ou técnico responsável pelo controle de qualidade de um produto, por exemplo. As múltiplas áreas de atuação, incluindo a de pesquisa, encontram possibilidade de treino e desenvolvimento no espaço provido pela Unifor.

Atualmente, a excelência do curso de Farmácia foi comprovada com a avaliação do Guia do Estudante, que atribuiu nota máxima (cinco estrelas) ao seu desempenho. “Os laboratórios e salas de aula aqui são incomparáveis. Existem alunos que voltam de experiências internacionais e dizem que nossa infraestrutura nada deixa a desejar. São salas extremamente bem equipadas, que se destacam como um fator facilitador para a pesquisa científica. Uma estratégia fundamental para a formação de futuros farmacêuticos e também de futuros pesquisadores altamente qualificados”, declara o coordenador do curso, Prof. Otacilio Benvindo, que é mestre em Farmacologia.

De acordo com ele, grande parte do diferencial do curso está na qualidade do corpo docente e na multiplicidade de estratégias e metodologias de ensino e aprendizagem, com forte integração das disciplinas e áreas de conhecimento. “Além de todos os diferenciais, o curso de Farmácia da Unifor ainda oferece disciplinas de gestão de serviços farmacêuticos, em que o aluno entra em contato com o universo do empreendedorismo,

aprende a ser gestor do seu próprio negócio”, acrescentou.

O curso também ganhou reconhecimento externo em razão dos serviços de atenção farmacêutica e farmácia comunitária prestados no Núcleo de Atenção Média Integrada (NAMI), além da Farmácia Viva Lúcia Gurgel, que é considerada a grande potência entre os espaços laboratoriais. A Farmácia Viva surgiu como um projeto-piloto nativo do curso, criado há mais de duas décadas e mantido numa parceria entre a Universidade de Fortaleza e a Prefeitura de Fortaleza. A atividade é pioneira no Ceará e consiste no emprego científico de hortos, seguindo três modelos: o fornecimento para a comunidade de plantas medicinais in natura junto com as informações sobre o uso; a produção de “drogas vegetais” por meio do tratamento (secagem e trituração) de plantas; e o preparo laboratorial de fitoterápicos. Vale ressaltar que, nesse horto, todas as plantas têm certificação botânica, garantindo que as espécies possuam de fato suas propriedades medicinais.

Para os estudantes, participar da Farmácia propicia uma experiência única de aprendizado: “O aluno tem um campo de estágio onde ele vê o fluxo do medicamento de maneira completa. Ele realmente participa de todas as etapas: analisa a planta, produz o medicamento, faz o controle de qualidade. Uma coisa interessante que temos notado é que o aluno se envolve, assumindo uma responsabilidade grande para garantir que os medicamentos tenham qualidade”, explicou Wellyda Aguiar, professora responsável pela atual supervisão do programa.

A matriz curricular do curso de Farmácia também incentiva estudos relacionados à diversidade e sociedade, com matérias como “Universidade, Saúde e Sociedade”, “Ambiente e Hereditariedade” e “Diversidade Humana e Saúde Coletiva” ofertadas aos alunos. Para a estudante Thaynara Saldanha, que atualmente cursa o 6º semestre, os diferentes assuntos abordados pelos professores contribuem diretamente com a dinâmica presente em sala. “Acho que a quantidade de professores contribui muito para o aprendizado dos alunos, pois eles atuam ensinando em áreas diferentes.



“O que eu gosto mais no curso de Farmácia é a forma como ele se apresenta para nós desde o início. Já temos noção, desde cedo, da vivência e do papel do farmacêutico, da forma como nossas disciplinas estão integradas, do convívio, da interação com os professores, da disponibilidade, das oportunidades de estágio, tanto dentro quanto fora da Unifor, já que a universidade é bem vista no mercado. É uma forma muito legal de ver o curso, assim como as palestras e conteúdos que sempre são ministrados de forma inovadora.

Lisandra Juvêncio, aluna do 6º semestre do curso de Farmácia.



A coordenação está sempre se renovando em questão de dinamicidade dentro da sala de aula, promovendo metodologias ativas para melhorar o aproveitamento dos alunos, sem contar na disponibilidade dos responsáveis. A estrutura da Unifor diante do que o curso de Farmácia precisa é excelente, pois oferece o espaço necessário e organizado para aulas práticas e teóricas”. A aluna contou também que faz parte do Programa de Educação Tutorial (PET), que é ministrado pela professora Angelina Medeiros e sustenta-se nos três vetores mais importantes na carreira acadêmica e amplamente explorados pela Universidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. “Nós temos projetos em andamento como, por exemplo, a realização semanal de atenção farmacêutica aos pacientes do NAMI. Os casos que encontramos nesses atendimentos são estudados pelos alunos e discutidos. Também realizamos, a partir desses casos clínicos, um evento chamado ‘sessões clínicas’, onde o ‘PETiano’ leva para a comunidade acadêmica o caso, as fisiopatologias do paciente e seus medicamentos”, concluiu Thaynara, evidenciando também o engajamento dos alunos em atividades de monitoria e a possível oferta de bolsas para integrantes do Programa.



“Eu escolhi a Unifor pelas oportunidades que ela disponibiliza aos alunos, tanto na questão de bons professores e pesquisa, quanto na questão da prática, que é muito boa, e tem laboratórios super bem equipados. Também existem as oportunidades que a gente tem, sendo aluno da Unifor, fora do espaço da Universidade, porque o mercado quer profissionais qualificados e a Unifor oferece isso. Nosso ensino aqui é muito bom e temos vivência desde a parte dos fitoterápicos e análises clínicas até o estágio em cada uma dessas áreas. Já sairei daqui preparada para o mercado”.

Marília Diógenes, aluna do 4º semestre do curso de Farmácia.

PRODUTOS PRODUZIDOS NO CURSO DE FARMÁCIA

Creme de Aroeira: excelente contra o odor nas axilas e rachadura nos pés, é indicado nas infecções cutâneas como espinhas, micoses, acnes, etc.

Pomada de Confrei: devido à sua atividade anti-inflamatória, o confrei pode tratar contusões musculares, assim como também artrite e artrose.

Sabonete líquido e tintura de Alecrim Pimenta: desempenha forte ação antimicrobiana contra fungos, bactérias e larvas de mosquito da dengue (*Aedes aegypti*). Portanto, é indicado como antisséptico, sendo também eficiente no tratamento da acne, panos brancos, impigens, sarna infectada, caspas e do mau cheiro nas axilas, pés e virilhas.

Tintura de Malva Santa: estimulante da digestão e do apetite, é eficiente no tratamento de úlceras estomacais, dispepsia, azia, gastrite, mal-estar gástrico, ressaca, etc.

Xarope de Chambá: indicado no tratamento de problemas nas vias respiratórias, além de casos de afecção nervosa, afta, catarro bronquial, corte, dermatite, ferida, problemas de fígado, gota, gastralgia, insônia, etc.

Elixir de Cidreira: com propriedades analgésicas, é muito utilizado para acalmar o sistema nervoso. É ideal para quem sofre com dores de cabeça, ansiedade e depressão ligeira. Alivia dores e inflamações, regula a menstruação e combate o mau hálito.

Tintura de Mororó: de efeito hipoglicemiante, é indicada para os diabéticos do tipo melitus II, pois induz o pâncreas a produzir mais insulina. Útil no tratamento de afecções renais e urinárias, catarro, colesterol, constipação intestinal, diarreias, elefantíase, moléstias da pele, mordidas de cobra, parasitoses intestinais, etc.



TV Unifor celebra 10 anos de destaque entre as televisões universitárias

A TV engloba trabalhos acadêmicos produzidos por alunos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Audiovisual e Novas Mídias.

Comunicar de forma inovadora: esse é o principal objetivo da TV Unifor, que comemora 10 anos de existência como uma das TVs universitárias mais reconhecidas do país. Com programas que utilizam experimentação em audiovisual para transmitir informações, o canal celebra o reconhecimento e as parcerias que conquistou durante sua trajetória e a estreia de novos programas.

Estruturada em agosto de 2005, a TV Unifor é um veículo de comunicação da Diretoria de Marketing da Universidade de Fortaleza e engloba trabalhos acadêmicos produzidos por alunos dos cursos de Publicidade e Propaganda, Jornalismo e Audiovisual e Novas Mídias. Sua grade de programação é variada, com programas como Panorama, que explora pontos de vista opostos sobre determinado tema; Papo Saúde, que tem como foco abordar qualidade de vida; Palavreado, que explora temas e visões diversas de maneira descontraída; Pense Verde, que aborda temas relacionados ao meio ambiente; e Mundos Possíveis, que atenta à causas cidadãs e culturais, Unifor Esporte, Jornal ao Vivo, Documentário, entre outros. Ao todo, são cerca de dezoito atrações.

Para os alunos, a experiência de participar de uma emissora televisiva é gratificante. “Trabalhar na TV Unifor tem sido um dos maiores presentes que cursar Jornalismo pôde me proporcionar. Foi a concretização de muitos sonhos antigos

e um intenso aprendizado das mais diversas técnicas que compõem a narrativa contada pelas imagens e vozes da televisão. Firmei novos laços, construí amizades que perpassam as horas de estúdio e encontrei mestres que educam com empatia e muita paciência. Viver alguns semestres da faculdade nesse espaço é um desafio que recomendo”, declarou a aluna Beatriz Santos, que atualmente cursa o sexto semestre de Jornalismo e já apresentou o programa Mundos Possíveis, que também é transmitido pela TV Diário.

“A nossa intenção é abrir possibilidades para projetos audiovisuais. Trabalhamos com vários temas e diversos assuntos, com gente da Publicidade, Jornalismo e Audiovisual. Existe a pegada de cada um desses cursos e que atrai esses alunos para a nossa TV. Nos preocupamos com o caráter de experimentação, de dar possibilidade para que os alunos, a partir de princípios aprendidos durante seus cursos, tragam um método diferenciado, que quebre um pouco o lugar-comum de apresentação. Nosso princípio é que os alunos compreendam e tentem trabalhar as pautas que são escolhidas por eles, junto com os professores, de uma forma mais inusitada”, declarou a professora Helena Cláudia Santos, que é a atual coordenadora da TV Unifor. O time de professores-orientadores é composto também por Adriana Helena, Wilton Martins, Márcio Acselrad e Janayde Gonçalves.



“Entrar na TV Unifor foi entrar no mundo do real jornalismo para mim. Foi através dela que consegui perceber uma pessoa que é realmente apaixonada pelo seu trabalho. É um local incrível para se aprender a fazer televisão, algo que eu sempre acreditei que poderia fazer. Além de conhecer pessoas do meio jornalístico e também crescer, criar responsabilidades e, acima de tudo, aprender a ser profissional. É o começo da jornada, a base que se constrói para poder construir um futuro. Gratidão e orgulho resumem os sentimentos por trás dessa casa”.

Renato Borges, integrante do programa TV Unifor Esporte.

A TV Unifor destaca-se também por sua ampla estrutura. São três salas de edição, estúdio, redação, sala de reuniões, coordenação, central de equipamentos, sala de cinegrafistas, central de produção de programas (que inclui Switch [controle de gravações] e Master [controle de programação]) e mais dois ambientes que atualmente ganham relevância: um camarim recém-construído, onde os alunos preparam-se para as gravações, e uma sala de fonoaudiologia, onde os repórteres possuem acompanhamento com a profissional Silvia Capistrano, em uma ação que surge como diferencial entre os canais de televisão universitários.

“A TV Unifor é mais do que um orgulho para a Universidade de Fortaleza. Como a própria Unifor, cujo compromisso é oferecer o que temos de melhor a nós mesmos, às nossas comunidades e ao mundo, a nossa TV universitária foi além do esperado do ponto de vista acadêmico e institucional, sendo uma referência nacional no seu segmento. Tudo isso é feito a partir de uma visão transdisciplinar que é, em síntese, o DNA desta grande instituição de ensino, e que tem uma emissora a altura dessa missão”, declara, com orgulho, o professor Wagner Borges, que é coordenador do curso de Jornalismo e reconhece a importância da estrutura de qualidade do canal.



“Trabalhar na TV Unifor me abriu um leque de possibilidades. Pude começar a trabalhar com produção, ramo que eu sempre almejei como jornalista e profissional, além de poder realizar matérias, checar as fontes e fazer grandes contatos profissionais, para aprender como funciona o mercado de trabalho”.

Lucy Anna Latorre, integrante do programa Panorama.



“Participar da TV Unifor é uma experiência incrível. Aqui a gente aprende na prática como é a rotina de uma emissora de TV com a orientação dos professores e da fonoaudióloga. Eu estou aproveitando ao máximo todo o aprendizado que estou conquistando no canal, chegar ao mercado de trabalho com uma boa bagagem”.

Diana Siqueira, integrante do programa Palavreado.



RECONHECIMENTO E VISIBILIDADE

Nesses dez anos, o canal acumulou diversos destaques memoráveis, como a premiação do programa Panorama, que logo em seu primeiro ano de exibição conquistou o primeiro lugar em categoria nacional na Intercom (Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação) e a Menção Honrosa ao programa Palavreado na 18ª edição do festival Gramado Cine Vídeo, entre outras conquistas. O sucesso da programação trouxe as produções Panorama, Pense Verde e Mundos Possíveis para o canal aberto TV Diário, assim como possibilitou a ampliação de transmissões em TV fechada, que

passaram a ser pelo Canal Universitário 14 da Multiplay e canal 183 da NET. O material produzido pela TV Unifor também chega aos seus parceiros, como Itaú Cultural, TV Assembleia, Canal Futura e outros, incluindo a Associação Brasileira de TVs Universitárias (ABTU). “Acho que ao longo desses 10 anos estamos conseguindo visibilidade. Primeiro internamente, para que a Universidade entenda que tem uma TV, pois muita gente ainda não sabe. Os programas começaram a migrar para a TV aberta e a Universidade começou a solicitar a TV Unifor para eventos, palestras. Agora

estamos transmitindo conteúdo ao vivo, disponibilizando no Youtube. Começamos a crescer”, acredita Helena Cláudia a respeito da evolução do canal. Um ponto alto e grande exemplo dessa visibilidade foi a realização de um especial sobre os 10 anos da TV Unifor pelo Canal Futura, que veio para Fortaleza e gravou uma edição inteira do programa Sala de Debates no campus da Universidade. Recentemente, a TV Unifor foi incorporada pela Diretoria de Comunicação e Marketing da Unifor.

COBERTURA ESPECIAL

O UNIVERSO CABE NESTE MUNDO

MUNDO UNIFOR

Ciência □ Cultura ● Arte ▲ Inovação

21 a 25
outubro

CAMPUS UNIFOR





ENTREVISTA

com *Augusto Cury*

“Você só é feliz se tiver um romance, primeiramente, com a sua própria história”.

Médico psiquiatra, psicoterapeuta e escritor. Esses são alguns atributos de Augusto Cury, apontado pela Folha de S. Paulo como o autor brasileiro mais lido da década, com obras publicadas em mais de 60 países e destaque constante entre os mais vendidos do país. Esses créditos e o imenso currículo não afetam a humildade de Augusto Cury, que na área de pesquisas é o desenvolvedor da Teoria da Inteligência Multifocal, cujas análises vêm sendo aplicadas em diversas instituições de ensino, contribuindo para estudos acerca da construção de pensamentos e gestão de emoções. Augusto Cury trouxe para o Mundo Unifor a palestra “Gerenciando a Emoção para Ser Feliz”, em que expôs maneiras possíveis para que possamos ser protagonistas da nossa história. Antes de apresentá-la ao vasto público que lotou a praça da Biblioteca, o autor conversou com o Unifor e contou sobre a sua carreira e visões da sociedade moderna. Confira a seguir.

Unifor Notícias: O sr. é médico psiquiatra. Em que momento da vida decidiu dedicar-se à área da pesquisa?

Augusto Cury: Toda história tem um começo e alguns começos iniciam-se pelo caos, o que foi o meu caso. Tive um caos emocional quando atravessei um conflito muito grande do segundo para o terceiro ano da faculdade de Medicina. A partir daí comecei a fazer uma série de perguntas. “Quem sou? O que sou? Por que não gerencio meus pensamentos? Como surgem as ideias perturbadoras? Por que sofro por antecipação? Por que não consigo dirigir o veículo da minha mente?”. Perguntas que todo ser humano deveria se fazer ao longo de sua história. Eu comecei a analisar, questionar, duvidar e querer explorar esse pequeno e infinito universo chamado mente humana. Em destaque, como nós construímos pensamentos e como devemos gerenciá-los e como se forma o “eu” gestor da mente humana. Essas perguntas me levaram a um desejo quase incontrolável de escrever todas as minhas análises. Eu queria conhecer os sonhos e pesadelos das pessoas, as ideias que libertavam seu imaginário ou os pensamentos perturbadores que as tornavam reféns do passado e asfixiavam sua criatividade. As dezenas de páginas se tornaram centenas e as dezenas de perguntas se tornaram milhares de questionamentos. Quando você tem o sonho de penetrar no pequeno infinito

mundo que nos tece como um sapiens, qualquer lugar para estudar é um lugar. Quatro horas por dia escrevendo e reescrevendo minhas ideias e no final eu já tinha 400 páginas de uma nova teoria, talvez uma das poucas teorias mundiais sobre o funcionamento da mente, a construção de pensamentos, os papéis do consciente e do inconsciente na memória e do “eu” como protagonista da nossa própria psiquê.

Unifor Notícias: O sr. é considerado o escritor brasileiro mais lido da década. Como iniciou o seu processo de escrita?

Augusto Cury: A escrita para mim iniciou-se durante a faculdade de Medicina e eu procurei uma editora para publicar meus livros. É incrível, raramente uma editora no Brasil está disposta a publicar autores brasileiros, em destaque publicar uma teoria, ainda mais uma teoria sobre a mente humana. Parece que é inalcançável, na atualidade, um indivíduo produzir uma nova teoria. As editoras que eu procurei não bancaram o projeto e então me tornei rapidamente consultor em jornais e revistas, por desenvolver a arte da pergunta. Facilmente encontrei espaço na mídia e me tornei consultor de diferentes meios de comunicação. No auge da fama, me recolhi para atender meus pacientes e escrever durante os fins de semana e feriados.



Unifor Notícias: Em que se baseia a teoria da Inteligência Multifocal?

Augusto Cury: Nos intervalos das consultas, passaram-se 25 anos, e escrevi mais três mil páginas sobre a teoria da Inteligência Multifocal, que estuda cinco grandes áreas: os processos que constroem cadeias de pensamentos; o processo de formação do ‘eu’ como diretor do script de nossa própria história; os papéis conscientes e inconscientes da memória; as “janelas” da memória; e a gestão da emoção e o processo da formação de pensadores. De acordo com a teoria da Inteligência Multifocal, quando somos ofendidos, rejeitados, criticados, pressionados, entramos numa janela traumática e o volume de tensão bloqueia milhares de outras janelas, o homo sapiens se torna um homo bios. Por isso, todos os psicólogos deveriam estudar a teoria das janelas da memória, pois sem conhecê-la não vamos nem entender por que a nossa espécie tem baixo nível de viabilidade, causando guerras e outros tipos de violência. É quase inacreditável como o ser humano, a única espécie que pensa conscientemente, nunca honrou adequadamente a arte de pensar, porque nunca estudou o próprio pensamento. A educação mundial ensina aos alunos as matérias técnicas e as suas competências, mas não trabalha os papéis do ‘eu’ como gestor da mente humana. Existe uma série de variáveis vitais que se não



forem trabalhadas nas universidades, elas vão continuar produzindo frequentemente repetidores de dados e não pensadores que libertam seu imaginário e são capazes de construir novas ideias.

Unifor Notícias: Falando processos educativos, o que é a Escola da Inteligência e por que o senhor considera que é tão importante ter o ensino das habilidades socioemocionais como método de aprendizagem?

Augusto Cury: Embora os professores sejam os profissionais mais importantes do teatro social, pois sem eles não haveriam outros profissionais das mais diversas áreas, o sistema educacional está doente, formando pessoas doentes para uma sociedade doente. Estudamos, por exemplo, a matemática numérica, mas não a emocional. Quem aprende a dividir a sua dor e seus fracassos com os seus filhos, vai ensiná-los a entender que ninguém é digno do pódio se não utilizar suas derrotas para alcançá-lo. Infelizmente, passamos quinze ou vinte anos nas escolas e não falamos dos dias mais tristes das nossas vidas. Alunos de engenharia se calam, falam de edifícios, mas não os da sua mente. Alunos de medicina também. A educação mundial desenvolveu bilhões de dados, só que os alunos não são apenas memória, eles não são apenas um sistema cognitivo. Eles também têm o universo da emoção e de seus questionamentos e por isso suas habilidades socioemocionais são vitais. Todos os alunos deveriam aprender a pensar antes de agir, a se colocar no lugar do outro, a gerir sua emoção e administrar sua ansiedade, a dirigir o veículo da mente humana. Mas isso quase não existe no mundo todo. Por isso, em mais de setenta países em que sou publicado, a minha crítica é de que não estamos formando uma geração coletiva de pensadores, para dar respostas importantes para os desafios da humanidade. Por isso eu desenvolvi o programa de Escola da Inteligência, que entra na grade curricular do ensino infantil, do fundamental e do médio, para formar pensadores e prevenir transtornos emocionais, bem como para desenvolver inteligência para que as crianças e adolescentes tenham uma carreira mais sólida e um futuro mais promissor e não sejam alijados nesse mercado altamente competitivo e estressante. Hoje, ele já é implementado em diversas escolas.

Unifor Notícias: Ansiedade, estresse, depressão são alguns dos temas mais abordados por você em suas últimas obras. Por que as pessoas, especialmente as que vivem em grandes cidades sentem-se tão frustradas?

Augusto Cury: Nós estamos assombrados com as estatísticas. Esperávamos que a geração do séc. XXI fosse a mais alegre de todos os tempos, porque nunca tivemos uma indústria do lazer tão poderosa. Mas nós nunca tivemos uma geração tão triste, tão angustiada e tão depressiva. Cerca de 50%, uma em cada duas pessoas, em mais de três bilhões de indivíduos não desenvolverá apenas depressão, como também ataques de pânico, transtornos ansiosos, transtornos alimentares e doenças psicossomáticas. Quantos vão

se tratar? Essa é uma grande questão. Talvez 1% se trate. Quantos vão encontrar um bom profissional de saúde mental? Talvez a minoria da minoria. Por isso, precisamos atuar preventivamente, precisamos entender as causas das doenças. Claro que existem as causas metabólicas, mas só isso não explica. As principais causas, além dos fatores endógenos são traumas da infância, o excesso de informação e do uso de smartphones, que estimulam a hiperconstrução de pensamentos, o excesso de preocupação em relação ao futuro e a autocobrança. São inúmeras as situações que esgotam o cérebro e propiciam o desenvolvimento de doenças psíquicas. Bullying, excesso de trabalho, a ditadura da beleza. Sem gestão da emoção, o céu e o inferno psíquico estão muito próximos. Você só e feliz se tiver um romance, primeiramente, com a sua própria história. A felicidade começa em você. Toda a psicoterapia deveria ter ferramentas básicas incorporadas e trabalhadas pelo 'eu' de cada um dos pacientes, para que construam suas próprias histórias. A felicidade começa, em destaque, no território da sua própria emoção.

Unifor Notícias: Por que as pessoas frequentemente ligam a obtenção de bens materiais à felicidade?

Augusto Cury: Vivemos numa sociedade de consumo e ela estimula as pessoas a projetarem sua angústia, ansiedade, irritabilidade, insatisfação e baixa autoestima consumindo produtos e serviços. Quanto mais as pessoas projetam, há um alívio imediato, seguido de um sentimento de culpa e um registro da autopunição. Consequentemente, isso fragiliza o prazer de viver e torna o 'eu' escravo do próprio consumismo. As pessoas têm que aprender a comprar em destaque aquilo que o dinheiro não pode pagar. Quem abraça mais e julga menos, elogia mais e critica menos está valorizando aquilo que o dinheiro não consegue comprar. Quem

só consegue adquirir aquilo que os bens conseguem comprar é um miserável, ainda que more em palácio. Há muitos miseráveis em todo o teatro social, no mundo inteiro, que mendigam o pão da alegria e da tranquilidade. Existem aqueles que moram em belos apartamentos e dirigem bons carros, mas não dirigem a própria mente e nunca têm conforto. Eles não sabem contemplar o belo e gerir seus pensamentos.

Unifor Notícias: Que dicas o senhor daria para que consigamos gerir melhor nossas emoções?

Augusto Cury: Gestão da emoção é vital. Sem gestão da emoção, ricos se tornam miseráveis, profissionais competentes sabotam sua eficiência, estudantes bloqueiam sua memória e não libertam seu imaginário. Sem ela, não conseguimos escrever os capítulos mais importantes da nossa história. Existem uma série de técnicas de gestão da emoção. Em primeiro lugar, nós temos que saber que, para desenvolver saúde psíquica, temos que renunciar a sermos perfeitos. Quem tem a necessidade neurótica de estar sempre certo ou é perfeccionista demais é um candidato a frequentar consultórios de psicologia e psiquiatria. Renuncie ser perfeito, você é um ser humano que possui defeitos e deve reconhecê-los. A segunda parte dessa técnica é mapear os seus fantasmas mentais, dialogar com seus medos, irritabilidade, impulsividade, autocobrança, autopunição. Valorizamos o trivial, mas nos calamos sobre o essencial. Por isso que o adoecimento psíquico abarcou bilhões de pessoas na atualidade. O ser humano precisa mapear esses fantasmas e depois estabelecer metas para enfrentá-los. Onde estou e onde quero chegar. Posso usar uma técnica chamada D.C.D (Duvidar, Criticar, Determinar) e duvidar do meu medo, estabelecendo metas e me tornando uma pessoa segura, para que todos os dias eu consiga avançar e me torne protagonista da minha história.





ENTREVISTA

com *Fritjof Capra*

“Nós estamos no meio de uma mudança muito importante de paradigmas”.

Autor de best-sellers como “O Tao da Física”, “A Teia da Vida” e “O Ponto de Mutação”, Fritjof Capra é um dos físicos e ativistas ambientais mais conhecidos da atualidade. Doutor em Física, cientista, educador e ambientalista, Capra é austríaco e colabora com diversas entidades ambientais e universidades do mundo, como o programa de gestão avançada Amana-Key, em São Paulo, e o centro Schumacher College, no Reino Unido. Defensor da interdependência e diversidade entre meios, Fritjof Capra destaca a importância das estruturas presentes em sociedades urbanas e ecossistemas para a constituição de equilíbrio sustentável. Essas estruturas, que de acordo com o cientista compõem conexões em rede, foram tema constante na entrevista que concedeu ao Unifor Notícias um pouco antes de iniciar a palestra “A Grande Síntese – Os Complexos Sistemas da Vida das Pessoas e das Organizações”, que lotou a praça da Biblioteca durante o Mundo Unifor. A seguir, você pode ler a entrevista completa, que também revela detalhes da carreira do físico.

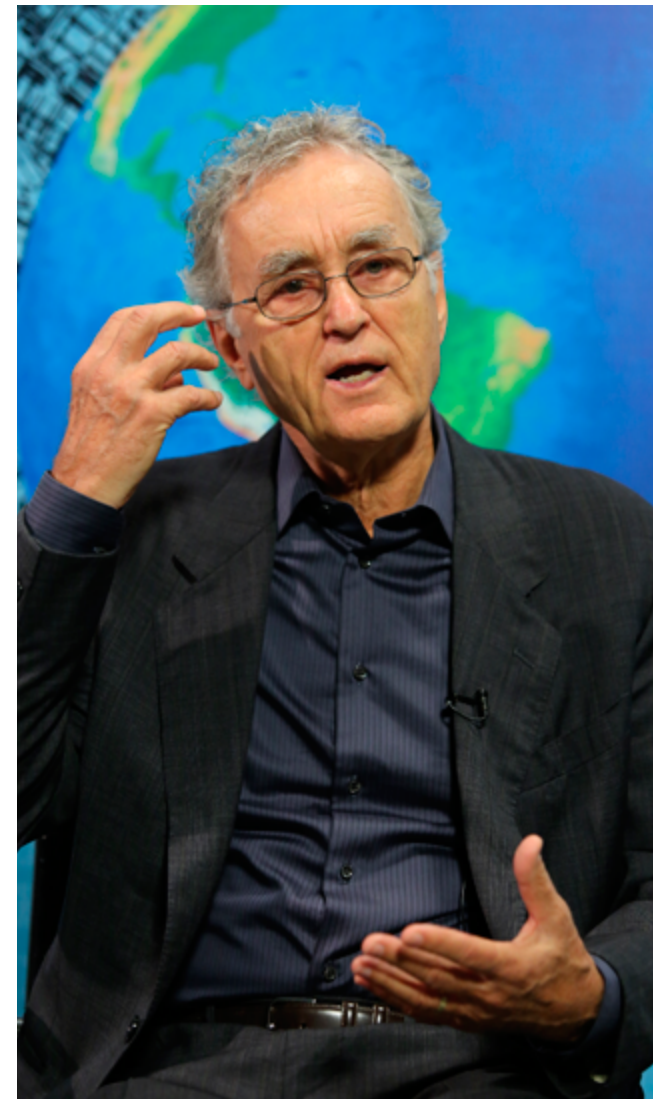
Unifor Notícias: Às vezes não é possível explicar alguns fenômenos do universo através de métodos cristalizados de investigação. Por que o senhor considera que é importante levar o misticismo, especialmente o oriental em consideração? Como a física e a metafísica podem andar juntas para explicar esses fenômenos?

Fritjof Capra: Bem, deixe-me colocar isso em um contexto pessoal da minha própria biografia. Eu não iniciei com misticismos. Sou da Áustria e estudei Física na Universidade de Viena, fiz meu PhD lá também. Desde o início, já como estudante, eu era interessado na filosofia da física e no que ela implementa na maneira como entendemos e vemos o mundo. Especialmente, eu estava interessado na filosofia imposta pela física quântica e pela teoria da relatividade, as teorias da física moderna. E eu aprendi que a mudança-chave uma verdadeira revolução na época, nos anos 20, era que não poderíamos entender o mundo a um nível atômico e subatômico, em termos de objetos isolados, mas sim em termos de uma rede de relacionamentos, que são inseparáveis. Isso foi nos anos 50 e início dos anos 60 – consegui meu PhD em 1965. Descobri as filosofias orientais em 1967/68 e vi que era o mesmo tipo de visão de mundo que vê o mundo como uma rede interconectada de relacionamentos e de uma

forma intrinsecamente dinâmica. Depois, conheci um dos melhores físicos, Werner Heisenberg, um dos fundadores da teoria quântica, e eu o contei a respeito das similaridades com a filosofia indiana. Ele disse que já sabia disso, porque esteve na Índia e conheceu alguns filósofos indianos e concordou comigo que haviam esses paralelos muito fortes. Achei isso um assunto fascinante e comecei a explorá-lo. Então escrevi meu primeiro livro, “O Tao da Física”.

Unifor Notícias: O sr. aponta que as relações entre as partes são necessárias para entender as características do todo. Todas as coisas estão conectadas em uma estrutura tipo rede. Por que o sr. acha que a sociedade ocidental, ao contrário, é tão viciada na visão cartesiana das coisas?

Fritjof Capra: Bem, essa é uma pergunta bem difícil. Primeiramente, a visão cartesiana foi muito bem-sucedida. A sua realização na ciência veio com a física de Newton, e ela nos séculos XVII-XIX era extremamente bem-sucedida. Você podia calcular balística, explicar todos os tipos de máquinas, não somente isso, poderia também explicar as marés, os movimentos dos planetas, o sistema solar, as ondas elásticas. E então no século XIX, com a termodinâmica, explicar o fenômeno do calor, que era vista como



energia conectada de pequenas moléculas. Então essa visão foi tremendamente bem-sucedida. A outra razão, eu acho, é que havia uma atitude de proximidade entre esse ponto de vista cartesiano, que é a ideia de controlar a natureza, que foi proposta principalmente por Francis Bacon, na Inglaterra. Também Descartes acreditou que conhecimento é poder. Quando temos conhecimento da natureza, quando podemos explicar as coisas, então podemos controlar essas coisas. Há uma conexão muito importante aqui, quando você vê o mundo como uma máquina, então para utilizar essa máquina com sucesso, você precisa controlá-la. Se você dirige um carro e não o controla, é perigoso e você pode sofrer um acidente. Então máquinas precisam de controle e se você vê o mundo como um sistema vivo, uma rede viva, é muito diferente, porque seres vivos não podem ser controlados. Eu não posso controlar você. Eu posso tentar, mas não vou conseguir. Você não pode me controlar, pois somos seres vivos e não máquinas. Então desenvolvemos, na era do iluminismo, e por meio dele, entre os séculos XIX e XX, uma obsessão com controle, poder e controle. Essa é outra razão na qual o ponto de vista cartesiano tornou-se tão impregnado e difícil de ser superado.



Unifor Notícias: Como podemos ultrapassar essa visão? Seria possível?

Fritjof Capra: Nós estamos no meio de uma mudança muito importante de paradigmas e de visão de mundo e, essencialmente, é uma mudança da metáfora da máquina, de ver o mundo como uma máquina, para entendê-lo como uma rede. Eu acho que estou muito esperançoso em relação a essa mudança, e isso por conta dos jovens, porque eles entendem de redes. Todos eles entendem a respeito de redes sociais. Sou professor em Berkeley, na Califórnia, e vinte anos atrás eu dei uma palestra e expliquei aos meus estudantes sobre redes sociais e hoje isso seria ridículo, pois os jovens hoje já sabem. Eles têm esse tipo de pensamento em termos de redes que precisamos. Isso é muito novo na ciência e essa é a mudança: ver o mundo em termos de redes interconectadas.

Unifor Notícias: Como a questão ambiental começou a fazer parte da sua vida?

Fritjof Capra: Eu acho que já me preocupava com ecologia e o meio ambiente quando escrevi O Tao da Física. Se você vir a última página, eu falo sobre um ponto de vista ecológico. Então, meu interesse vem de muito tempo, mas em termos de atividades, eu acho que só me tornei interessado de forma apaixonada quando minha filha nasceu, em 1986. Quando isso aconteceu, eu fiquei preocupado com o futuro dela de uma forma bem mais direta do que, por exemplo, com o futuro de todas as outras crianças. Se tornou

bem mais pessoal. E então fundei uma organização para falar sobre problemas ambientais e me tornei um ativista ambiental.

Unifor Notícias: Como um ativista, como o sr. acha que os grandes problemas da humanidade, como fome, poluição, falta de água, pode ser reduzidos através de investimentos em educação ambiental?

Fritjof Capra: Acho que a primeira coisa que precisamos reconhecer é que todos esses problemas estão interconectados. Não podemos falar somente sobre energia ou mudanças climáticas, pobreza ou economia. Estão todos conectados. Na ciência, nós dizemos que são problemas sistêmicos, que são aqueles de um sistema inteiro. Justamente por serem sistêmicos eles requerem soluções sistêmicas. Esse tipo de solução não resolve o problema isoladamente e sim de uma forma que esteja conectada com outros problemas. É por isso que soluções sistêmicas geralmente resolvem problemas diversos ao mesmo tempo. Um exemplo rápido é que, se nós mexermos no sistema de agricultura industrial, que é centralizado em máquinas, gasta energia e utiliza químicos, se trocarmos esse sistema pela agroecologia, que é um sistema comunitário, sustentável e orgânico, isso ajudaria a resolver três dos nossos maiores problemas: pouparia muita energia, porque a agroecologia não necessita de implementações energéticas. Dois, seria muito bom para a saúde pública, porque algumas das nossas doenças estão relacionadas à nossa comida,

e se produzirmos comida mais saudável e orgânica, teríamos uma população mais saudável. E três, ajudaria enormemente na luta contra mudanças climáticas, porque o solo orgânico é vivo, então consome gás carbônico. Esse tipo de agroecologia é o único método conhecido para “sugar” carbono da atmosfera. Ou seja, o que eu acabei de dizer é muito conhecimento e é isso que devemos ensinar. Não são coisas óbvias, então temos que ensinar sobre o pensamento sistemático, a natureza dos problemas sistêmicos e soluções sistêmicas. É disso que trata o meu trabalho.

Unifor Notícias: O sr. acha que os governos estariam interessados em implementar esse tipo de solução que não é focada no lucro? Como as comunidades podem pressionar seus governos em pensar nessas novas soluções?

Fritjof Capra: Bem, eu não posso dizer como pressionar governos, mas sei que é absolutamente essencial. E eu não sei se você estudou a encíclica ecológica escrita pelo Papa recentemente, em que fala como problemas variados estão interconectados e no fim diz que “a única maneira de mudar as coisas é se a sociedade civil e ONGs colocarem pressão no governo”. É isso que precisamos fazer e precisamos de muitas pessoas para fazerem isso. Eu vim aqui para falar sobre uma nova compreensão ecológica da vida, educação, sustentabilidade, redes vivas, redes sociais e crescimento econômico e como ir além dele e sobre como podemos lidar com problemas nesses campos.





ENTREVISTA

com **Ricardo Triska**

“Onde há intervenção humana, necessariamente o design vai ser preciso”

Doutor em Engenharia de Produção, Ricardo Triska é conselheiro titular do Conselho Técnico Científico do Ensino Superior e um dos principais nomes nacionais no estudo de design, já atuando como coordenador da Área de Arquitetura, Urbanismo e Design junto à Capes. Atualmente professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Triska já desenvolveu projetos dentro da área em Ciência da Informação, como o planejamento de serviços e automação de bibliotecas digitais. Seu interesse por design sustenta-se no caráter funcional e nos benefícios dele para a sociedade, revelando pensamentos inteligentes e ligados à comunidade, como definiu na palestra “O Design Sob Uma Nova Perspectiva”, realizada no Mundo Unifor. Na entrevista a seguir, concedida ao Unifor Notícias, o profissional comenta sobre esse aspecto, opinando também sobre o papel e importância do design na modernidade.

Unifor Notícias: O que é o design hoje e que áreas abrange?

Ricardo Triska: O design está sendo construído de novo, em função das demandas que estão sendo apresentadas. Ele se apresenta como um parceiro natural a todas as engenharias e, particularmente na medicina, a gente vê resultados fantásticos. O design é concebido para ajudar as pessoas, desde embalagens a conteúdo de bulas e sinalizações externas, aparatos médicos. Tudo isso tem a interferência do design sob a ótica do bem-estar, tanto para quem executa determinada tarefa ou é objeto dela. Isso do ponto de vista coletivo da ordem e da harmonia entre as coisas, o que também é importante. É uma condição de saúde, porque a agressão visual é um elemento forte de intervenção. Quando você passa em uma rua e encontra uma fachada feia, uma calçada furada, uma área degradada pelo lixo, essa composição de coisas resulta numa agressão às pessoas. Uma das intervenções importantes do meio urbano é trazer de volta a condição de saúde das pessoas. O designer é um parceiro natural para essa nova composição, então o design hoje é o que ele é sempre: uma ferramenta de apoio e qualidade da reprodução das coisas e da forma como elas são representadas pela produção gráfica e do que pode ser feito, por serviços, e da interação. O importante é essa sua capacidade de adaptação por meio de sua própria gestão, que é a gestão de design.

Unifor Notícias: Não é só uma questão estética, mas de facilitação de trabalho, de adaptação, até de saúde?

Ricardo Triska: A condição estética é um complemento. A grande razão de se preocupar com o design é a interação entre as coisas, se tratando de espaço, desde a edificação, da sua circulação e da sua intervenção no meio das pessoas. O design, por tradução, é projeto. A condição de projeto é característica do design. Para que algo seja projetado é necessário uma reflexão muito grande e a indução à reflexão é a representação de uma demanda. Há a percepção de uma necessidade de intervenção, a análise dessa necessidade, a caracterização de um problema, a avaliação das possibilidades de solução e aí então se elencam as ferramentas, as pessoas e a dimensão do problema para que ele seja resolvido via projeto.

Unifor Notícias: Qual a nova perspectiva do design, tema da sua palestra no Mundo Unifor?

Ricardo Triska: Na verdade, a nova perspectiva do design é justamente trazê-lo ao que ele é na sua origem, que é uma ferramenta de intervenção pra qualidade das pessoas na relação com as suas coisas. Assim foi quando se descobriu a torradeira, um material que protegia mas não irradiava calor, então a pessoa que o manipulava não queimava mais a mão. Ou quando



se projetou o protetor de tomada, para as crianças não colocarem o dedo. Essa perspectiva que a gente fala, do design, é trazê-lo de uma condição de adereço para uma de protagonismo no planejamento de futuro. É uma condição contemporânea de necessidade que traz ao design uma situação protagonista para planejar e fazer um futuro e isso tem que ser feito já, senão o futuro atropela e a gente fica fora.

Unifor Notícias: O sr. acredita que a arquitetura deixou de ser apenas funcional para se tornar uma forma de expressão?

Ricardo Triska: Certamente ela é uma forma de expressão, na medida que combina as relações de dependência do ambiente, com o uso da edificação e alternativas de novos materiais. Essa capacidade de agrupamento de competências distintas para resolver problemas pequenos passa para outras condições. Hoje a gente precisa conhecer como o vento corre para evitar usar ar-condicionado e não demandar tanta dependência de energia, e assim por diante. Em todas essas combinações de dependência, ela mudou sua configuração de status e de fato não é estética, sua ordenação dentro das coisas interfere na aceitação e, por isso, por conta da harmonia, a estética também é um fator, mas não é determinante.



Unifor Notícias: A tecnologia tornou o design mais acessível no cotidiano?

Ricardo Triska: Acessível não, pois sempre foi. Tornou mais conhecido. Agora, quando você tem um smartphone ou um controle remoto, você tem o design interferindo na sua relação com o objeto. Ele tornou-se mais presente pelas alternativas de serviços e bens que existem hoje, de apoio às ações das pessoas. Como o design sempre foi vinculado às pessoas, ele sempre foi presente. O que acontece é que, hoje, ele interfere com mais coisas que as pessoas convivem ao mesmo tempo.

Unifor Notícias: Qual sua opinião a respeito do design de informações?

Ricardo Triska: É a grande chamada que a gente precisa atentar. Para nós, ela é uma fonte para a concepção de solução. E nós trabalhamos e desenvolvemos uma outra informação, que é a resposta para a nossa concepção. Esse design da informação, esse projeto, de como ela vai ser disponibilizada, de que maneira a sua estrutura vai interferir na capacidade de compreensão das pessoas, essa é a grande chamada de posicionamento. Ela transcende manuais e modelos de interação humano-computador para interferir na capacidade de entendimento das pessoas e a sua identidade com a razão de que ela buscou informações. Isso está meio perdido, pois tudo hoje está fácil, qualquer “oráculo digital” dá respostas, mas não responde de fato o problema. Três milhões de respostas para uma pergunta mas os problemas não são respondidos. A qualificação da sua pergunta traduz a sua identidade com o problema, e isso vai interferir na sua capacidade de entender a resposta.

Unifor Notícias: Como coordenador da área na Capes, como se dá a pesquisa?

Ricardo Triska: A pesquisa na área de design está mudando seu foco, porque se tratando de pós-graduação. A gente investiu muito tempo no resgate

histórico da intervenção do design, precisando explicar a necessidade dele. Hoje, pelo avanço e oportunidade, pela distribuição dos grupos de pesquisa e pelos programas de pós-graduação e doutorado que têm no país, já está mais perto de problemas diferentes, de diversas demandas regionais. Nossa pesquisa é tímida, em proporção ao que é feito ao largo do mundo, mas é extremamente eficiente. Nós temos casos de intervenção muito importantes na saúde, em que o design é usado na recuperação de traumas buco-maxilo-faciais, na estrutura de próteses em três dimensões, órteses. Ferramentas também, como a de descascar aipim. As pessoas acham que isso é muito trivial, mas numa colônia agrícola, isso é muito importante, porque geralmente a mulher que faz esse trabalho e as mulheres de um projeto que eu conheci tinham partes dos dedos decepadas pela lâmina e pelo jeito de cortar, então foi desenvolvida uma ferramenta onde o sentido do corte foi mudado e elas não mais se ferem. Conheci uma mulher que tinha um dedo machucado e depois eu fui vê-la e ela já estava com a unha pintada. Isso traduz o conforto e autoestima dela. O design é simples, e por isso efetivo.

Unifor Notícias: Qual a importância do design para a sociedade?

Ricardo Triska: O design é tão importante quanto deve ser transparente. Ele é tão importante quanto a medicina ou qualquer outra área da ciência, porque ele trata dessa harmonia entre a função de um determinado objeto e a sua relação com a pessoa que o manipula. A agressão que ele exerce e o resultado que promove, isso considerando desde uma caneta a um automóvel ou avião. O projeto de um avião tem em si muitas áreas da ciência, é uma tecnologia embarcada, absurdamente moderna, e o design está presente em cada milímetro de toda a condição, quer seja pela escolha de cores à textura do assento. Onde há pessoa, há a necessidade do design. Onde há intervenção humana, necessariamente o design vai ser

preciso, por conta da sua interação com alguma tarefa ou na ferramenta ou na sua própria indumentária, porque isso quer dizer saúde e proteção. O princípio de ergonomia a gente usa diuturnamente. O exemplo do aipim é um estudo de ergonomia. A indumentária para ter altura e forma para segurar o cabo de uma enxada, é questão de ergonomia. Então, são coisas que interferem muito na vida das pessoas. Imagina, uma ferramenta para descascar aipim, uma unha pintada... O que representa uma unha pintada? Significa que a mulher está satisfeita consigo e se isso ocorre, o trabalho não a está aniquilando pra vida social. Isso é uma condição de saúde.

Unifor Notícias: Aqui na Unifor temos o curso de Design de Produto, entre os cursos do nosso Centro de Ciências Tecnológicas. Como o sr. vê a evolução do ensino de design por região no Brasil?

Ricardo Triska: É muito importante a manutenção de um curso de design, isso revela uma visão de futuro da Instituição. Se pegarmos o caso da cidade de São Paulo, que é um centro de referência, lá temos apenas um curso de pós-graduação em design. Só um. E todas as agências trabalham lá. A condição não é geográfica, ela é de entendimento e necessidade. Na medida em que a gente consegue manter em regiões como o Nordeste, o Sul e o Sudeste, uma escola de design, você oportuniza a incorporação de demandas regionais à soluções regionais. Em Campina Grande, o curso de design da graduação fez uma intervenção no ciclo de produção de uma determinada castanha, em que a atividade de transporte machucava as costas das pessoas. E no lugar onde chegavam para moer as castanhas, não havia energia elétrica. Daí adaptaram um liquidificador na frente de uma bicicleta, para que as pedaladas moessem as castanhas e mais ninguém saísse machucado. Isso valorizou o produto, ganhou-se um ciclo da produção e já foi incorporada outra relação com os clientes. São ações pequenas, porém determinantes na vida das pessoas. Assim é o design.





ENTREVISTA

com *José Luis Bolzan*

“Talvez o Direito vá ter que se reciclar para conseguir lidar melhor e cumprir o papel que efetivamente tem na sociedade”.

Dono de um grande currículo, José Luis Bolzan é graduado, mestre e doutor na área do Direito, atuando como Procurador do Estado do Rio Grande do Sul, membro do conselho consultivo do Instituto de Hermenêutica Jurídica, Coordenador de Núcleo de Estudos da Escola Superior da Magistratura, consultor desse campo para a Capes, CNPQ, FAPERGS e outras agências acadêmicas, além de pesquisador, professor e diretor de graduação e pós-graduação em diversas instituições, inclusive internacionais, como Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Università del Salento, Università de Firenze, Universidad de Sevilla e Universidade de Coimbra. Ávido a comentar a respeito de temas como jurisdição, constituição e direitos humanos, Bolzan apresentou ao Unifor Notícias sua visão acerca de assuntos polêmicos como redução da maioria penal, imigração, além de desafios para futuros profissionais do Direito. No Mundo Unifor, ministrou a palestra “Constitucionalidade, Direitos Humanos e o Estado do início do Século XXI”.

Unifor Notícias: Por que é tão difícil a compreensão de que os direitos humanos se tratam de justiça e não o contrário? Como mudar esse quadro?

José Luis Bolzan: A questão dos direitos humanos é sempre uma questão difícil e o que parece fundamental é que, na realidade, sobretudo no século XX, nós conseguimos desenvolver uma política de reconhecimento dos direitos humanos, sobretudo no âmbito das constituições, mas ela não foi acompanhada efetivamente de uma cultura de direitos humanos, sem que se fosse, de certo modo, difundida na sociedade. Parece que há uma contradição entre aquilo que nós conseguimos construir no âmbito da política e do direito, no campo das constituições, dos estados constitucionais, ao longo do século XX, até mesmo em razão daquilo que nós produzimos como barbárie, também nesse século. Nós não conseguimos fazer com que a cultura dos direitos humanos, efetivamente se enraizasse na sociedade. O que se observa, muitas

vezes, são atitudes contraditórias que existem marcadamente por conta dessa ausência, de um certo descolamento entre o que temos no âmbito da institucionalidade e daquilo que temos no âmbito da própria cultura na sociedade.

Unifor Notícias: A impunidade seria também uma explicação para esse fato?

José Luis Bolzan: A impunidade é muito relativa, parece. O que é? Se fala tanto em impunidade no Brasil e nós temos uma das maiores populações carcerárias do mundo. De onde vem essa impunidade? Talvez nós tenhamos muita “punidade”. O que muitas vezes transparece é que os próprios meios de comunicação não agem no sentido de valorizar efetivamente. Eles criam uma política do medo. Há dois autores, um italiano e outro americano, que estão bastante em voga hoje, que são Michael Hardt e Antonio Negri, que escreveram um pequeno livro chamado “Isto Não



É Um Manifesto”, embora seja, de certo modo, um. Eles tem uma sacada interessante, que é explicitar o que são chamadas as novas subjetividades que existem no mundo hoje. Como se constitui o sujeito hoje. Ele fala do endividado, do representado, do midiaticizado e do securitizado. O securitizado é o sujeito construído em cima do medo. É a partir dessa subjetividade que você tem uma adoção, por parte das pessoas, de uma dupla perspectiva. De um lado, a aceitação de ser controlado, com câmeras que nos causam a sensação de segurança enquanto, ao mesmo tempo, nos tornamos vigias em relação aos outros. Isso se deve não só a novos riscos sociais e ao medo, como também a uma prática securitária que se desenvolve por cima do medo. Não é à toa que, no campo do direito, talvez o ramo que mais cresça hoje é o penal. Ou seja, tentamos resolver conflitos sociais por meio do direito penal.

Unifor Notícias: Qual a opinião do senhor acerca



da redução da idade penal? Em um país desigual como o Brasil, a redução não seria mais uma fonte de injustiças?

José Luis Bolzan: Por princípios e não-princípios, eu sou contra. É uma discussão que não faz muito sentido. Até que ponto nós vamos reduzindo a maioridade penal? Acho que na questão do conflito social, as pessoas têm uma perspectiva equivocada, porque acham que ele, onde está incluído a própria criminalidade, é uma patologia. É uma doença que acontece e desvirtua e normalidade. Pelo contrário, eu acho que o conflito social é constitutivo da própria sociedade, não é patológico. A sociedade é conflitiva, nós é que achamos e inventamos que ela é pacífica. Nós acordamos em conflito e temos conflitos de diversos tipos e diversos níveis. É evidente que alguns são mais aceitáveis ou menos, mas isso faz parte de uma construção cultural. Ou seja, temos que reconhecer isso e construir mecanismos para que a gente possa lidar com o conflito como algo que faz parte do cotidiano. Então, se nós compreendemos isso, a partir de uma teoria do conflito adequada, talvez a gente possa compreender melhor a nossa relação, inclusive com a questão da própria criminalidade, que talvez seja aquela coisa que nos deixa mais chocados, sobretudo quando os grandes meios de comunicação divulgam crimes bárbaros. Isso é constitutivo. O homem, como já dizia o velho Hobbes, é mau. Nós inventamos o Estado para conter um pouco disso e o direito tem um papel fundamental aí, exatamente para tentar constranger e estabelecer limites na sociedade. Agora, o direito falha e, muitas vezes, isso faz parte do próprio “jogo” judicial. Portanto, se nós vamos pensar em resolver um problema, especificamente da criminalidade, com uma política de redução da maioridade penal, até onde nós vamos? Ou seja, daqui a pouco vamos condenar um crime de pensamento. Daqui a pouco o direito penal irá se antecipar ao crime. Hoje já está de alguma maneira nessas leis “antiterror” em diversos países do mundo. O Brasil estava recentemente votando um projeto no Senado que era de “lei de terror”, que tem o mesmo perfil ideológico de outras do mundo, criminalizando condutas ligadas à práticas e movimentos sociais. Nós perdemos a dimensão valorativa dos bens protegidos pelo direito penal. Ele é, na realidade, uma tentativa para que você não pratique os fatos previstos pelo direito penal, a receio da sanção penal. O projeto de controle social por meio do direito penal e, nesse contexto, uma política de redução da maioridade penal, não tem resultados práticos e efetivos.

Unifor Notícias: Podemos dizer que o sistema prisional brasileiro está falido? Existem maneiras de reverter esse quadro?

José Luis Bolzan: Talvez os sistemas prisionais de todo o mundo estejam falidos. Essa ideia retributiva, de encarceramento, sem uma política adequada. Eu sou criminalista de formação, mas não me parece que hoje a resposta do direito penal seja uma resposta adequada e suficiente. É por isso que algumas práticas que têm por aí, sobretudo no Estatuto da Criança e do

Adolescente, por exemplo, são práticas de tentativa de reconstrução, ao invés de punição. De certo modo, a gente está tentando lidar com os desvios de conduta, daquilo que é pressuposto como uma conduta correta, por meio de mecanismos que não parecem adequados. Tem uma teoria de conflito em que talvez a gente devesse ter uma outra compreensão do que significa esses conflitos para que possamos ter uma outra forma de respondê-los eles. Uma tentativa de reconstruir os vínculos sociais ao invés de romper. Vivemos falando da crise do sistema carcerário, que não é só uma crise no sentido de prisões inadequadas ou superlotadas, mas é da ideia mesmo da regulação ou da resposta penal pelo encarceramento. Até pouco tempo atrás, os loucos eram encarcerados. Aí tem uma relação interessante entre o direito e a medicina: a resposta jurídica é como uma resposta médica, um remédio. Estamos “medicalizando” a sociedade por meio do direito, sobretudo quando priorizamos o direito penal como instrumento principal para tentar responder a uma crise de sociedade em que nós vivemos. E talvez seja porque não temos muito claro o que seja uma crise. As pessoas sempre pensam na crise como algo negativo, mas ao mesmo tempo que ela é o fim de algo, ela também é o começo. Ao mesmo tempo que ela desconstitui algo, ela abre possibilidade para tudo novo. Talvez o direito vá ter que se reciclar para conseguir lidar melhor e responder melhor e cumprir o papel que efetivamente tem na sociedade.

Unifor Notícias: Hoje assistimos a mais uma crise mundial em decorrência do enorme número de refugiados que fogem de guerras, da fome, miséria. Quais as considerações do senhor a respeito desse quadro? Eventualmente, as barreiras nacionais vão precisar ser flexibilizadas? O que pode acontecer caso isso não ocorra?

José Luis Bolzan: Talvez a gente esteja experimentando uma crise nesse duplo sentido da palavra. Parece que, além da questão humanitária que está envolvida, existe uma questão emergencial, e que portanto nós precisamos responder a isso emergencialmente. Nós precisamos dar conta de que estamos experimentando, talvez, uma mudança paradigmática, e só haverá uma resposta satisfatória se nós nos dermos conta disso. As outras respostas são todas paliativas. Criar fundos ou estruturas de recepção, abrir um pouco as fronteiras dos estados, isso tudo é paliativo, tem que fazer porque é uma questão emergencial. Fora isso, se nós continuarmos vivendo o modelo da estatalidade moderna, das fronteiras, dos territórios demarcados, delimitados, que separam. A gente fala disso como se fosse algo natural, mas não é, é uma invenção, e se nós continuarmos vivendo dessa forma, vamos manter essa separação entre os nacionais e os outros, os não-nacionais, hoje estrangeiros. Portanto, acho que nós vamos precisar transcender um modelo da modernidade e eu não estou falando de pós-modernidade, mas talvez de outra modernidade, porque é evidente que a modernidade também tem coisas interessantes que foram construídas, não é à toa

que chegamos onde chegamos. Não resolvemos tudo, mas fizemos algumas coisas interessantes e fizemos outras coisas muito feias. Edgar Morin tem um livro muito interessante chamado “Cultura e Barbárie Europeia”, onde ele mostra que ao longo de toda a história, há uma relação simbiótica entre cultura e barbárie. Ou seja, a barbárie produz cultura e vice-versa. Ou seja, a gente vive um pouco em torno disso. Acho que essa barbárie que estamos vivendo, de certo modo, vai produzir uma outra cultura. Não sei se vai ser definitiva, talvez nunca vá ser, senão a própria história vai desaparecer. Mas de qualquer maneira, parece que uma resposta à crise das migrações vá se dar por meios paliativos, que tem necessariamente de ser realizados em razão da emergência, mas que precisam ser depois substituídos. Essa crise migratória não é um problema só europeu.

Unifor Notícias: O Brasil também tem recebido um grande número de imigrantes...

Sim. O Brasil se transformou novamente em um polo de imigração. Apesar da crise contemporânea, o sucesso econômico brasileiro fez com que o Brasil voltasse a ser um polo de atração. Nós mudamos o eixo do fluxo migratório hoje, de um fluxo que era norte-sul/sul-norte para um eixo sul-sul. São inúmeros os imigrantes que vêm da África em direção a América hoje, por conta desse atrativo que se tornam as economias, sobretudo brasileira, como uma economia em franco desenvolvimento, apesar da crise. Ao mesmo tempo que nós temos um diálogo político que expressa o acolhimento das pessoas, mas todo dia nós vemos nos jornais notícias de atos xenofóbicos praticados no Brasil. Constitutivamente, o Brasil é um país de imigrantes e muitas vezes a gente se vangloria disso.

Unifor Notícias: O local de origem do imigrante não seria determinante para esse tipo de preconceito?

José Luis Bolzan: Acredito que sim, porque muda o perfil do imigrante. Tanto o perfil cultural quanto o social. Os imigrantes de alta renda, como diretores de empresa, profissionais qualificados que vêm, normalmente não encontram problemas. O grande problema se dá em torno daqueles que são as vítimas da imigração na realidade, como sempre os mais empobrecidos. O que muitas vezes os coloca na mão do tráfico, do trabalho escravo e uma série de problemas que são decorrentes do não reconhecimento da imigração como um direito. O Brasil precisa enfrentar esse problema, pois não basta um discurso político. É necessária uma mudança legislativa e também uma mudança cultural. Mas voltando ao que estávamos falando, sobre o perfil da nossa população. As populações originárias das Américas são os indígenas. Os outros todos chegaram ou nas caravelas para inventar a América e para nos impor um modelo de sociedade europeu, ou vieram forçados, no caso dos escravos. Aliás, temos uma dívida histórica, fomos um dos últimos países a abolir a escravidão, 300 anos de migração forçada. Depois tivemos os europeus



empobrecidos que vieram no final do século XIX e ao longo do século XX e nós nos vangloriamos de ter dupla cidadania. E agora temos outro fluxo intenso e é interessante como os mesmos que se dizem netos e se vangloriam de ter sangue europeu nas veias, muitas vezes não aceitam os novos imigrantes. Por quê? Mesmo aqueles que adotam o processo de dupla cidadania europeu. Então, não basta mudarmos a legislação, temos que mudar a cultura. Via de regra as pessoas não migram por vontade de abandonar seus lugares de origem. Normalmente as pessoas são condicionadas por uma série de fatores ou são traficadas. O que nos vamos fazer com essas pessoas? Só a Síria expulsou de seu território mais de 2 milhões de pessoas e nossa única estupefação se dá quando vemos um policial carregando um menino morto em uma praia. Mas muitos meninos maiores ou menores que ele já haviam morrido esse ano e muitos mais vão morrer. Essa tensão num contexto de crise econômica, que se vê na Europa também, tende a se aguçar. E o resultado disso é imprevisível.

Unifor Notícias: O projeto de Lei do Deputado Eduardo Cunha foi aprovado na Comissão de Justiça da Câmara, retrocedendo no que diz respeito às leis reprodutivas femininas. No caso do PL 5069, o atendimento a mulheres vítimas de estupro é dificultado, com punição para a distribuição da pílula do dia seguinte, e o aborto nesses casos é proibido. O sr. considera que o Brasil está atrasado nessa discussão?

E em demais temas polêmicos como aborto, adoção por casais do mesmo sexo e legalização das drogas?
José Luis Bolzan: Esse tipo de legislação que impede, que proíbe e que cria constrangimento só se destina aos pobres. Porque uma menina de classe média ou alta que sofrer um crime de estupro, ela não vai perguntar, não vai a juízo. Ela vai, se quiser, para uma clínica. Enquanto as outras vão ficar submetidas. Nós não

temos uma política pública que reconheça isso. Agora é evidente que temos o Congresso que nós elegemos. Sinto muito! Nós elegemos essa gente. Então nós temos que estabelecer um debate público, uma disputa política em torno disso. Nós não podemos simplesmente rasgar o processo político, porque afinal de contas estamos vivendo o mais longo período democrático que o Brasil já teve. Vivemos a Constituição mais duradoura da história do Brasil. Essas situações precisam ser combatidas no jogo político e, eventualmente, no jogo jurídico na medida em que for possível levar esse debate ao judiciário. Não que eu ache que o judiciário deva substituir a política, embora nós estejamos fazendo isso muito. Mas em algumas circunstâncias esse debate pode ser levado ao judiciário e o judiciário deverá responder dentro das suas competências. Se o parlamento é ruim, perdemos hoje, ganhamos amanhã e assim vamos vivendo.

Unifor Notícias: Quais os grandes desafios para os futuros profissionais do Direito no Brasil de hoje?

José Luis Bolzan: Talvez seja repensar o próprio Direito. Esse modelo de direito de juridicidade que a gente tem ele necessariamente vai precisar sofrer um tipo de inflexão que permita, sem abandonar o Direito, que tem um papel social importante, reconstruir os vínculos que o Direito tem com a sociedade. Pensar outro direito, talvez. E uma outra forma de tratar conflitos. O grande ideal fosse que todos cumprissem a lei, se todos cumprissem a lei, se ninguém sonegasse, aí talvez pudéssemos ter melhores políticas públicas. Mas a realidade não é essa. O Direito existe exatamente porque embora ele pretenda que as pessoas façam aquilo que ele ache melhor, elas fazem o contrário. E talvez a gente sempre vá fazer isso. Talvez os instrumentos que o Direito tenha usado ao longo da sua história devam ser repensados. Trabalhar a apropriação do Direito pela sociedade. Se vocês têm um conflito, vocês não resolvem entre vocês, vocês terceirizam para o profissional do Direito. E esperam que o judiciário, que o juiz, como um bom pai, lhes dê uma boa resposta. Só que ele é um pai com soberania, então ele impõe uma resposta, mesmo que você não goste dela. Será que esse é o melhor instrumento? Será que a gente poderia pensar em autonomizar a sociedade a partir de outros instrumentos que possam comprometer a sociedade consigo mesma? Os conflitos não separam as pessoas, mas normalmente o Direito pensa que o conflito separa. Então se pensarmos que o conflito pode também unir, precisamos também pensar em um novo meio de gerir conflitos. Talvez isso contribua para a construção de uma sociedade mais adulta e não uma infantilizada como a gente tem hoje, que espera tudo de um pai.



XVIII Unifor Plástica: Projeto Educativo permite maior interação entre visitantes e obras

Pensado especificamente para cada exposição em cartaz no Espaço Cultural Airon Queiroz, o Projeto Educativo tem como objetivo envolver os espectadores permitindo que cada um tenha sua própria experiência com relação às obras.

Em cartaz até o dia 20 de dezembro, a XVIII edição da Unifor Plástica, tradicional exposição no calendário das artes no Ceará, traz um aspecto cuja importância vai além da apresentação das obras expostas aos visitantes. O Projeto Educativo, um diferencial existente nas exposições realizadas no Espaço Cultural Airon Queiroz, é pensada de maneira a envolver os espectadores nas obras dos artistas, seus processos de criação, na contextualização dentro da história da arte, na contemporaneidade e no espaço em que se inserem.

De acordo com a coordenadora do Projeto Educativo, Cecília Bedê, as intervenções são pensadas a cada nova exposição e exercem papel fundamental na recepção do público. “O trabalho de mediação acontece no contato entre nossos mediadores e o público que se interessar, através de visitas orientadas. É na formação dos mediadores que o Projeto Educativo se inicia. Priorizamos trabalhar o conteúdo ou os assuntos que permeiam a exposição em três momentos: a contextualização, a apreciação e a experiência. O resultado dessa formação reflete na recepção do público. O mediador se prepara para mediar a relação entre obra e espectador, incentivando a experiência individual e mostrando que a obra está aberta e a interpretação é livre”, explica Cecília.

A contextualização da exposição é realizada durante o acolhimento, momento de dar boas-vindas aos visitantes, trazendo à tona os principais assuntos que vão conduzir a experiência de apreciação. A ideia é que o passeio ocorra de forma fluida, permitindo que cada visitante tenha sua própria experiência com relação às obras. “A leitura de imagens é facilitada pelo mediador, mas que parte essencialmente do público. O papel do mediador é estimular para que aconteça de forma tranquila e natural. Em alguns casos, com grupos de crianças principalmente, teremos atividades poéticas a serem propostas para dar esse estímulo e trabalhar a relação entre obra e espectador”, aponta a coordenadora Cecília Bedê.

Preparação dos Mediadores – Todo o trabalho desenvolvido já na formação do mediador se reflete no que se apresenta ao público da exposição. Para a XVIII Unifor Plástica, 16 mediadores passaram por um processo que contou, inclusive, com a

aproximação com os artistas que expõem na mostra. “Organizamos encontros com todos eles, que vieram falar sobre as obras a serem apresentadas e sobre seus processos de trabalho como um todo. Conversas muito ricas que vieram para agregar as mediações”, prossegue a coordenadora.

Outro momento foi a ação desenvolvida pela artista Juliana Capibaribe. Ao ser convidada a participar da mostra, ela decidiu que seu trabalho seria uma intervenção dentro do Projeto Educativo. “Ela trouxe duas propostas que se realizam no trabalho dos mediadores. Cadeiras com a frase Esvazie Antes de Ver, Respire, se encontram nas entradas das salas e convidam o público a relaxar, descansar, esvaziar, antes de se encontrar com as obras. Em outro momento, os mediadores oferecem uma visita orientada em um tempo diferenciado, mais lento, que abre espaço para outras camadas de experiência com os trabalhos. Essas ações são importantes tanto para o público quanto para o mediador, que está diariamente em relação com cada uma das obras”, conta Cecília.

De acordo com a artista Juliana Capibaribe, a intervenção teve como objetivo fazer com que os mediadores entendessem a organização da mostra como uma dramaturgia no tempo e no espaço e que os atores dessa encenação, são além das obras, os próprios mediadores. “Eles não são máquinas para apenas repetirem os conteúdos. O sentido da mediação é o diálogo”, acredita a artista.

Para a mediadora Clara Cavalcante, a intervenção da artista Juliana Capibaribe apontou a importância do tempo de contemplação. “Às vezes a gente fica muito acelerado, um grupo vem muito agitado e precisamos parar um pouco para transmitir melhor os conhecimentos, para apreciar a experiência. Aqui recebemos grupos de contextos e idades diferentes. Poder parar para trocar informações, perceber o que vem deles é um aprendizado importante para nós”.

“Por ser parte de uma universidade, o Espaço Cultural Airon Queiroz sempre vincula suas exposições a aspectos educativos. Exemplo disso é o Projeto Arte-Educação, que disponibiliza transporte gratuito para estudantes de escolas públicas, estimulando-os ao contato com as artes visuais desde cedo. Também se propõe que os professores

da Unifor levem seus alunos e apliquem atividades envolvendo a exposição junto a eles, o que contribui para uma formação mais ampla da comunidade discente. Os próprios mediadores que fazem as visitas guiadas são todos alunos da Universidade, os quais recebem capacitação específica de arte-educação para cada mostra, em contato com os curadores e, sempre que possível, com os artistas que expõem, como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão e os que hoje compõem a XVIII Unifor Plástica”, declara o chefe da Divisão de Arte, Cultura e Eventos da Universidade de Fortaleza, Thiago Braga.



“A experiência da mediação é diferenciada com cada grupo que recebemos. A proposta de parar para contemplar é muito importante. Durante nosso treinamento, compreendemos a importância da respiração, da consciência corporal, da comunicação por meio da troca de olhares para gerar, inclusive, maior interação entre os mediadores. Treinamos o olhar para os visitantes, compreendendo que não só nós estamos transmitindo, mas que eles também trazem algo para a gente”.

Nayara Cavalcanti, mediadora.

* Segundo o RUF 2015 (Ranking Universitário Folha),
considerando apenas universidades particulares.

UNIFOR
10ª
MELHOR
DO BRASIL*

PROCESSO SELETIVO CONTINUADO

UNIFOR

2016.1

Inscrições abertas

Informações:
3477 3400

www.unifor.br/estudenaunifor



UNIFOR
ENSINANDO E APRENDENDO